

O Paradoxo de Simpson e o aumento dos homicídios entre os negros

É preciso muito cuidado ao analisarmos algumas tendências baseadas em subgrupos da população, quando algumas informações relevantes para a análise são omitidas



Túlio Kahn
2 de junho de 2021

Se compararmos a média de mortes por agressão do quadriênio 1997-2000 com o quadriênio 2016-2019 no Estado do Mato Grosso do Sul, veremos que as mortes de brancos cresceram 51,9%, de pardos 217,2%, e de pretos 163,4%, entre um período e outro. A variação do total de mortes no Estado neste período foi de -12,9%. Mas como é possível que as mortes tenham crescido em todos os grupos raciais e, quando analisamos o dado geral, observamos uma queda na quantidade de mortes?

Esta situação é mais frequente do que se imagina¹ e é conhecida na literatura estatística como o Paradoxo de Simpson. Tomando uma [definição simples](#), “é um paradoxo da estatística no qual um conjunto de dados completo aponta em uma direção, mas uma análise de subconjuntos aponta na direção contrária”. É exatamente o que vemos no exemplo das mortes por agressão no MS em que os dados completos mostram uma queda enquanto a análise dos subconjuntos (raça/cor) aponta crescimento.

Toda esta introdução tem o sentido de alertar que é preciso muito cuidado ao analisarmos algumas tendências baseadas em subgrupos quando algumas informações relevantes para a análise estão omitidas.

Mais uma vez gostaria de discutir neste artigo o fenômeno do crescimento da morte de pretos (44,2%) e pardos (158,3%) no país como um todo no período analisado, o que é um fato indiscutível. O que ainda está em disputa é a interpretação adequada para os fatos.

A interpretação mais comum que se dá ao fenômeno é que se trata simplesmente de racismo, tanto mais quando as mortes, ao contrário, caem no subgrupo dos brancos (-10,2%) no período. Sim, o racismo existe, é abjeto e explica parte dessa tendência.

Uma hipótese alternativa, contudo, é de que o crescimento mais intenso na morte de negros (juntando aqui as categorias pretos e pardos) guarde uma relação com o deslocamento geográfico dos homicídios no país nas últimas décadas, do Sudeste em direção ao Norte e Nordeste. Como no caso do paradoxo de Simpson, há um dado ausente nesta discussão: a composição racial dos diversos Estados.

A tabela abaixo está organizada de acordo com a proporção de brancos na população, da menor (20,9%) em Roraima para a maior em Santa Catarina (88,1%). Além disso, nas três primeiras colunas vemos a porcentagem de homicídios concentrados no Estado no final dos anos 90 (1997 a 2000), a porcentagem que passou a concentrar entre 2016/2019 e a variação percentual entre os dois períodos.

Unidade da federação	Média 1	Média 2	Variância	Branca	Preta	Parda
Roraima	0,30%	0,49%	64,3	20,9	6	60,9
Amazonas	1,22%	2,78%	128,39	21,2	3,1	69
Pará	1,74%	7,39%	324,58	21,6	7	69,9
Maranhão	0,72%	3,68%	413,54	21,9	11	66,9
Bahia	3,17%	11,38%	259,28	22	23,4	59,5
Acre	0,21%	0,72%	233,74	23,3	5,7	66,9
Amapá	0,38%	0,63%	66,05	23,8	8,4	65,7
Piauí	0,38%	1,12%	195,62	24,2	9,3	64,3
Tocantins	0,32%	0,94%	189,19	24,5	9,1	63,6
Sergipe	0,65%	2,17%	235,62	27,7	8,9	61,8
Alagoas	1,47%	2,75%	87,59	31	6,6	60,8
Ceará	2,52%	7,28%	188,66	31,6	4,6	62,3
Rondônia	1,02%	0,97%	-5,42	35	6,8	55,8
Pernambuco	9,75%	7,79%	-20,07	26,5	6,4	55,5
Mato Grosso	2%	1,84%	-7,82	37,2	7,4	52,8
Paraíba	1,09%	2,17%	99,74	39,7	5,6	52,9
Rio Grande do Norte	0,55%	3,21%	484,57	40,8	5,2	52,8
Goiás	1,98%	4,71%	137,96	41,4	6,5	50,3
Distrito Federal	1,52%	1,05%	-30,63	41,8	7,6	48,6
Espírito Santo	3,54%	2,22%	-37,39	42,1	8,3	48,7
Minas Gerais	3,84%	6,72%	74,93	45,1	9,5	44,6
Mato Grosso do Sul	1,53%	1,01%	-33,86	46,8	4,9	44,1
Rio de Janeiro	17,63%	9,01%	-48,92	53,6	12,9	33,6
São Paulo	33,89%	6,99%	-79,38	61,7	7,2	35,7
Paraná	3,92%	4,39%	12,02	70,1	3,1	25,4
Rio Grande do Sul	3,72%	5,03%	35,01	84,7	5,2	10,4
Santa Catarina	0,95%	1,57%	65,53	88,1	2,9	9

Fonte: Datasus/IBGE

Como é possível observar, estados como Pará, Maranhão, Bahia, Acre, Piauí, Tocantins, Sergipe e Ceará aumentaram intensamente sua participação relativa no total de mortes do País. E esses estados são também os que têm uma baixa porcentagem de brancos e alta porcentagem de negros na população. Por outro lado, estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul ou Paraná reduziram sua participação relativa no total de mortes. O caso de São Paulo é o mais notável: no início do período São Paulo concentrava 33,9% dos homicídios e no período seguinte apenas 6,9%, uma queda de quase 80%. Ocorre que esses estados na parte de baixo da tabela são também aqueles que têm uma grande população branca.

Se dividirmos a tabela ao meio, vemos que o primeiro grupo de estados – de Roraima ao Ceará – viu sua participação nos homicídios crescer de 13% para 41,3% nestas décadas (ou 216%). Nesses mesmos locais os negros representam entre 65% a 80% da população. O segundo grupo – de Rondônia a Santa Catarina – viu sua participação nos homicídios diminuir de 87% para 58,6% no período (ou -32,4%). E nesse grupo os brancos são muito mais presentes.

A análise sugere que parte da explicação para o fenômeno do crescimento do homicídio negro no país tem relação com o mero deslocamento geográfico dos homicídios. A violência explodiu nos Estados com mais negros e diminuiu nos Estados com brancos e isso por si só explica parte do fenômeno. De maneira geral, os homicídios crescem entre todos os grupos raciais nos Estados que tiveram crescimento dos homicídios e caem entre todos os grupos raciais nos Estados que apresentaram queda – com exceção do Espírito Santo.

O que se pode alegar em favor da hipótese do racismo é que, dentro de cada Estado, a velocidade do crescimento é diferente entre os grupos raciais: regra geral, intensidade menor entre os brancos, média entre os pretos e elevada entre os pardos.

A tabela abaixo traz a variação dos homicídios entre os dois períodos, para cada grupo racial.

Unidade da Federação	Variância Preta	Variância Parda	Variância Branca	Variância Total
Rondônia	97,3	183,5	55,87	24,56
Acre	933,33	1328,57	162,5	339,51
Amazonas	145,45	217,37	153,57	200,77
Roraima	76,92	172,07	106,06	116,37
Pará	674,14	685,52	340,93	459,13
Amapá	288,89	147,02	24,39	118,67
Tocantins	323,08	542,98	108,7	280,83
Maranhão	448,88	942,89	422,07	576,29
Piauí	294,23	446,11	139,29	289,3
Ceará	27,06	683,59	146,28	280,13
Rio Grande do Norte	117,65	1076,43	248,76	669,83
Paraíba	350	574,41	89,54	163,04
Pernambuco	49,38	108,71	15,91	5,26
Alagoas	-26,09	368,3	-69,38	147,04
Sergipe	334	1046,88	100,81	341,98
Bahia	1460,87	1291,64	557,64	373,15
Minas Gerais	344,44	200,33	121,8	130,36
Espírito Santo	28,71	128,68	-28,53	-17,55
Rio de Janeiro	-24,5	-6,15	-47,49	-32,73
São Paulo	-71,18	-63,85	-69,17	-72,84
Paraná	93,82	169,33	90,59	47,52
Santa Catarina	231,58	657,47	187,08	117,99
Rio Grande do Sul	123,44	203,55	70,43	77,8
Mato Grosso do Sul	163,41	217,23	51,95	-12,9
Mato Grosso	34,38	100,62	0,94	21,4
Goiás	503,81	645,05	225,88	213,38
Distrito Federal	92,13	-6,4	30,2	-8,65
Total	44,26	158,29	-10,26	31,69

Fonte: Datasus

Em resumo, é preciso analisar em detalhes cada modalidade de homicídio e verificar como as diferentes raças se distribuem com relação a ele, pois o crescimento de uma modalidade na qual a incidência de negros seja mais elevada pode impactar na intensidade desigual de crescimento dos homicídios entre os grupos raciais. Novamente aqui – impactos do Estatuto do Desarmamento ou crescimento do tráfico de drogas maior no Norte/Nordeste – o crescimento mais intenso nos homicídios negros pode ser explicado por razões que guardam pouca relação com o preconceito racial dos autores desses homicídios.

Até mesmo a tendência identificada nas diversas PNADs, de crescimento na autoclassificação de negros e diminuição na de brancos, em razão do fortalecimento da identidade cultural ou das ações afirmativas, pode estar contribuindo para o fenômeno.

Voltando ao Paradoxo de Simpson, às vezes são necessárias informações adicionais para compreender o problema como um todo e não basta apenas invocar o crescimento maior dos homicídios entre os negros (que é verdadeiro) e afirmar que se trata de racismo.

Como venho enfatizando em outras análises, há obviamente uma questão mais profunda de racismo estrutural por trás desse fenômeno. São essas desigualdades raciais históricas que explicam por que os negros tendem a se concentrar geograficamente nas áreas mais pobres e violentas, têm menores índices de ocupação e escolaridade, maiores índices de gravidez na adolescência e evasão escolar, etc. – ou seja, acumular diversos fatores de risco que implicam em taxas maiores de homicídio. Mas é crucial distinguir essas situações, pois políticas públicas para tratar de preconceito racial de policiais, por exemplo, são bem diferentes de políticas públicas voltadas a atenuar o racismo estrutural. Treinar as polícias em direitos humanos é necessário, mas não será suficiente enquanto centenas de outros fatores de risco predispõem os negros (em especial jovens e do sexo masculino) ao homicídio. Para atenuar o problema, é preciso reconhecer com que racismo estamos lidando.

¹ O caso do DF é parecido, com crescimento de 92,1% entre os pretos e de 30,2% entre os brancos no período. Há uma queda ligeira de -6,4% entre os pardos, mas assim mesmo é curioso que os resultados dos dados completos apontem uma queda global de -8,6% nas mortes por agressões no DF. Como se vê o paradoxo é mais frequente do que se imagina.

Túlio Kahn

Consultor sênior na Fundação Espaço Democrático e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://fontesegura.forumseguranca.org.br/analises-criminais/2qh6f8jbyb>

